

Homilia da Solenidade da Epifania – Ano C – 06/Jan/2019

Meus irmãos e irmãs, a Igreja celebra neste domingo a Solenidade da Epifania do Senhor. O termo Epifania é de origem grega também denominada Teofania que significa Manifestação ou publicidade, que para os cristãos é a manifestação extraordinária de Deus, pela qual se revela em fatos da história da Salvação, o Cristo encarnado entre os homens. Já no Oriente era celebrada antes do século IV. É uma das mais antigas comemorações cristãs, bem como a Ressurreição de Nosso Senhor. Não devemos esquecer que a Encarnação do Verbo se tornou efetiva logo após a Anunciação do Anjo; entretanto, apenas Maria, Isabel, José e, provavelmente Zacarias tiveram conhecimento do grande mistério operado pelo Espírito Santo. O restante da humanidade não se deu conta do que se passava no período de gestação do Filho de Deus encarnado.

Se, por assim dizer, no Natal Deus se manifesta como Homem, na Epifania esse mesmo Homem se revela como Deus. Assim, nestas duas festas, quis Deus que o grande mistério da Encarnação fosse revelado a todos e a todos o brilho, tanto aos judeus como aos gentios (pagãos), dado seu caráter universal.

Na tradição oriental antiga, a Festa da Epifania incluía, além da adoração dos Reis, o Batismo de Jesus no Jordão e o milagre das Bodas de Caná, que seriam as primeiras manifestações públicas de Jesus. A partir do século V a Festa da Epifania passou a ser celebrada também no Ocidente, separada da Festa do Batismo do Senhor, sendo suas datas aproximadas. As Bodas de Caná não está mais incluídas dentro destas datas, mas no Oriente se conserva até hoje em sua Liturgia como na antiguidade.

No texto da 1ª leitura, Isaías que deve ter tido sua inspiração, pelo sol nascente que ilumina as belas pedras brancas das construções de Jerusalém e faz a cidade transfigurar-se pela manhã e brilhar no meio das montanhas que a rodeiam, canta a glória da Jerusalém renovada, figura da Jerusalém nova descida do céu (Apoc. 21, 2.23-24), que na releitura cristã é a Igreja. Essa nova Jerusalém é apresentada como a luz que se opõe as trevas, precisamente porque nela brilha a glória do Senhor, isto é, nela habita o Senhor. Uma Jerusalém oposta á aquela que trairá a Deus, sendo infiel, porque havia deixado de lado a prática do direito e da justiça, deixado de agir solidariamente em favor dos mais fracos. A cidade que se caracteriza

pelo brilho da glória de Deus é aquela em que reina a justiça. O profeta chama a atenção para um fato de extrema importância e que na maioria das vezes esquecemos. A cidade de Jerusalém era infiel, mesmo tendo um templo e mesmo sendo este o famoso templo de Salomão, pois, a prática da fé era superficial sem realmente um compromisso com Deus por aqueles que frequentavam o mesmo. Eram pessoas que achavam possível amar a Deus sem praticar a justiça!

Como ressaltamos, Isaías fala da luz que chega a Jerusalém (Is. 60,1), a Luz do Senhor. As nações todas são atraídas por essa luz e a alegria inundará a cidade (Is. 60,3). A presença do Senhor, como luz, é unificadora de todos os povos, para onde seriam atraídos filhos e filhas de Cristo. Muitos anos depois, os magos (sábios, astrólogos) vindos do Oriente darão um sentido pleno e definitivo ao texto de Isaías: a eles o Cristo aparece como “luz” cheia do mistério de Deus.

O Evangelho de hoje nos anuncia o belo relato de Mateus da visita dos Magos do Oriente ao Menino recém-nascido. A adoração dos Magos foi objeto das mais belas reflexões ao longo da história: já nos fins do séc. II, Tertuliano fez nas ofertas dos Magos, símbolos do reconhecimento de quem era Jesus; ofereceram-lhe Ouro, como Rei; Incenso, como Deus; e Mirra (resina aromática, usada na sepultura) como Homem. A manifestação do nascimento de Cristo foi uma antecipação da manifestação plena que haveria de vir. E assim como na segunda manifestação a graça de Cristo foi anunciada por Cristo e por seus Apóstolos, primeiro aos judeus, e depois aos pagãos, assim também, os primeiros a aproximar-se de Jesus foram os pastores, que eram as primícias dos judeus e estavam pertos, depois vieram os Magos as “*primitiae gentium*” (*primícias dos gentios*), na expressão de Santo Agostinho.

O princípio do Evangelho relata em primeiro o encontro dos Magos com Herodes. Notamos neste encontro de um lado um rei mal e, ambicioso por poder, que foi levado ao trono por apoio dos romanos, pois, Herodes não era judeu e sim idumeu e, sendo habilidoso restaura com esmero o Templo de Jerusalém para que os judeus esquecessem o fato de ele ser estrangeiro. Era como disse ambicioso que para não ver seu trono ameaçado manda matar sua esposa e filhos. A notícia do nascimento de um novo rei o deixa perturbado como também a Jerusalém, pois o povo já estava acostumado com o governo tirano que tinham. Os Magos, cuja

conotação é diferente do que hoje podemos imaginar, eram pessoas de certo poder e muito distintas, em especial pelos conhecimentos científicos, sobretudo de astronomia. Além disso, a tradição apresentamos como reis. Os Magos representam os homens do mundo inteiro, que se põem a caminho de Jerusalém com suas riquezas para encontrar a Luz Salvadora de Deus, que brilha sobre a cidade. (1ª Leit.) – Estrela não é um astro no céu, mas Jesus, a Luz que ilumina todos os homens. E quais as atitudes dos Magos diante dos fatos; “Vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo...” Sendo homens dos sinais, que viram no surgimento de uma nova estrela o sinal da chegada da Libertação, pois, esta era diferente, se movimentava e surgia e desaparecia como desapareceu quando eles entraram em Jerusalém e reapareceu quando deixaram a cidade. Deixam tudo. Não desistem perante o cansaço da longa viagem. Não desanimam quando a estrela desaparece, nem com a indiferença dos habitantes de Jerusalém, perseveram até o fim e acabam encontrando o que procuram. Não vão de mãos vazias, oferecem o que tem de melhor. Representam os homens de todo o mundo que vão ao encontro de Cristo e se prostram diante dele. É a imagem da Igreja, essa família de irmãos, constituída por gente de muitas cores e raças, que aderem a Jesus e o reconhecem como o Senhor. Diferente dos doutores da lei que indicam o caminho, mas não vão a Belém.

Mateus escreve com insistência o fato de Jesus ter nascido em Belém de Judá (cf. vers. 5.6). Para entender esta insistência, temos de recordar que Belém era a terra natal do rei David e que era a Belém que estava ligada a sua família. Afirmar que Jesus nasceu em Belém é ligá-Lo a esses anúncios proféticos que falavam do Messias como o descendente de David que havia de nascer em Belém. O profeta Miqueias escreve (5,1) “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um chefe que vai ser o pastor de Israel, o meu povo”. Com esta nota, Mateus quer aquietar aqueles que pensavam que Jesus tinha nascido em Nazaré e que viam nisso um obstáculo para o reconhecerem como o Messias libertador.

A chegada dos Magos do Oriente a Belém, para adorar o Messias, é o sinal de manifestação do Rei universal a todos os homens que procuram a verdade. Celebramos Cristo, Luz do mundo, e a sua manifestação às nações. “No dia de Natal a mensagem da liturgia ressoava assim: “Hodie descendit lux magna super terram” Hoje uma

grande luz desce sobre a terra» (Missal Romano). O encontro dos Magos emociona quando Mateus diz: “acharam o Menino com Maria, sua mãe.” Palavras proféticas, inspiradas pelo Espírito Santo, para deixar constando pelos séculos afora que não se pode encontrar Jesus sem Maria, e menos ainda, Maria sem Jesus. Ajoelhando-se adoraram o Menino e ofereceram seus presentes.

Essa manifestação do Rei universal aos povos e a todos os homens, representados pelos Magos do Oriente, é o início de um movimento oposto ao de Babel: da confusão à compreensão, da dispersão à reconciliação. Percebemos assim um vínculo entre a Epifania e o Pentecostes: se o Natal de Cristo, que é a Cabeça, é também o Natal da Igreja, seu corpo, nós vemos nos Magos os povos que se agregam ao resto de Israel, prenunciando o grande sinal da «Igreja poliglota», realizado pelo Espírito Santo cinquenta dias depois da Páscoa.

Perante a toda essa revelação que Paulo via com mais profundidade que os demais Apóstolos a universalidade do cristianismo e defendia consequentemente o livre ingresso dos não judeus no seio da Igreja, sem a obrigação de passarem pelas tradições judaicas. Esta ideia, vencedora depois de muitas hesitações e de muitíssima luta, Paulo a concebeu em suas meditações e estudos sobre os caminhos de Deus. Paulo afirma que tanto judeus como os gentios são chamados a pertencerem ao Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja una, e se beneficiarem na mesma promessa de salvação. Cristo igualmente Salvador de todos.

Irmãos e irmãs, consta na tradição que os três reis magos, terem sido batizados mais tarde por São Tomé e tempos depois martirizados. Suas relíquias se encontram na Catedral de Colônia na Alemanha e foi visitada pelo Papa emérito Bento XVI em 18 de agosto de 2005 e, Santo Ambrósio fixa-se em que os Magos vão por um caminho e voltam por outro, porque regressam melhores, depois do encontro com Cristo. A todos nós, Deus nos faz retornar à Pátria “por outro caminho”, segundo nos ensina São Gregório Magno. Infelizmente, deixamos o paraíso terrestre pelo pecado de orgulho de nossos primeiros pais, mais ainda, dele nos afastamos pelo apego às coisas deste mundo e devido aos nossos próprios pecados. Deus como bom Pai, nos oferece o Paraíso Eterno, para entrar nele temos que traçar um caminho diferente, um caminho oposto ao orgulho, ao egoísmo, a injustiça, um caminho que nos leva ao desprendimento, a

obediência, as renúncias das paixões oferecidas pelo mundo, nos oferece o caminho do Amor. Que a exemplo de Maria Santíssima possamos nós amar como ela amou não somente seu Filho, mas a nós todos. Que não deixemos que a correria do dia a dia nos faça perder as oportunidades de estarmos juntos, e crescermos no seguimento do Cristo Luz do mundo e, que esta Luz que brilhou para todas as nações, nos ilumine no caminho que nos levará a Jerusalém Celeste.

ASSIM SEJA

